



O cidadão é o repórter? Uma análise do *webjornalismo participativo* na Tribuna do Norte.¹

Higo da Silva LIMA²

William Robson Cordeiro SILVA³

Kildare GOMES⁴

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

Este artigo destaca como se processa o chamado "jornalismo participativo", em que a audiência passa de mero receptor passivo de informações para produtor de notícias. Para isso, o estudo analisa produção de leitores para o jornal natalense Tribuna do Norte, no canal "Vc Notícia", com a finalidade de integrar o leitor a este novo modelo de jornalismo. A partir da análise de três exemplos do canal, percebe-se que os jornais perderam o poder de "dono da informação" e que o receptor também é detentor dela; que os jornais precisaram se adaptar ao novo comportamento do usuário de internet e que o esquema emissor-meio-mensagem-receptor foi alterado com a participação da audiência na produção de conteúdo. Esta figura de produtora leva ao questionamento sobre a prática do receptor: o cidadão é um jornalista ou pratica a cidadania utilizando das ferramentas da internet?

PALAVRAS-CHAVE: Internet 2.0; *web* jornalismo participativo; cidadania; Tribuna do Norte.

Introdução

A internet possibilitou uma mudança no comportamento do leitor de jornal. Acabou-se a figura do leitor passivo, que apenas recebia as informações do dia. Hoje, com um computador, ele pode atuar também na produção de notícias, numa ação que ganhou o nome de "Jornalismo Participativo", quando empresas jornalísticas tradicionais proporcionam a oportunidade para que sua audiência possa se manifestar produzindo informações e as publicando em seus *sites*. (ANDERSON, 2006; SPYER, 2007 *apud* SCHMITT, OLIVEIRA, FIALHO, 2008). Esta audiência passou a ter um poder nunca antes visto desde a descoberta dos tipos móveis por Gutenberg e afetou o monopólio dos meios de comunicação, que detinham o poder sobre a propagação de informação.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UERN-RN, email: higolima@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UERN-RN, email: williamrobson@folha.com.br

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UERN-RN, email: uni_kilg@hotmail.com



Este novo comportamento da audiência obrigou a uma mudança na prática do jornalismo. São três as fases, segundo citam Primo e Träsel, acerca da evolução do jornalismo na internet (surgiu em meados dos anos 90 com o San José Mercury News em 1993), que culminou com sua formatação atual e com a inclusão do jornalismo participativo. A primeira fase, o jornal limitava-se a transpor para o universo virtual todo o conteúdo da versão impressa, com poucas ferramentas de interatividade, como lista de e-mail, fóruns ou enquetes. O leitor tinha acesso ao jornal seguindo o mesmo modelo da versão de papel. A segunda fase, os jornais passam a utilizar recursos de hipermídia, como "listas de últimas notícias e matérias relacionadas, bem como material exclusivo para a versão online" (p.7). A terceira fase, o jornalismo da *web* incorporou a multimídia, com textos mais aprofundados e utilização de elementos de outros meios de informação (vídeo, áudio, animações). A interatividade passou a ganhar maior força, com a audiência comentando as notícias, corrigindo, editando e produzindo. "Passa a ser levada em conta a possibilidade de distribuição do conteúdo para outras plataformas, como telefones celulares e handhelds" (p.7).

Com a popularização da internet, devido aos programas de inclusão digital, barateamento das máquinas e mais acesso do público à banda larga, a audiência passou a ter um domínio maior das ferramentas e de sua utilização para propagação de informação. SCHMITT, OLIVEIRA, FIALHO comparam este fenômeno ao da Idade Média, em que a "Igreja e o Estado perderam o controle das informações com a publicação de informações não oficiais" (BURKE, 2003 *apud* SCHMITT, OLIVEIRA, FIALHO, 2008). Com o poder migrando de mão - dos jornais para os receptores - as empresas jornalísticas se viram na obrigação de acompanhar a nova tendência, possibilitando que os usuários pudessem participar da produção da notícia. O jornal produz a informação, mas o seu leitor também tem a capacidade de produzi-la.

Deve-se ressaltar, no entanto, que a ideia de interação não surgiu a partir dos meios eletrônicos. A interatividade nos meios de comunicação sempre esteve associada a outras ferramentas, como cartas e telefone. Mas, PRIMO *apud* LINDEMANN (2005, p.2) observou que no modelo emissor-meio-mensagem-receptor, o que se estabelecia era um feedback e não "uma interação que resulte em produção conjunta de conteúdo".

A *Web 2.0*, para PRIMO (2006), baseia-se propriamente neste modelo de interação e compartilhamento de informações, "potencializando o trabalho coletivo, de troca efetiva, de produção e circulação de informações e de construção social de conhecimento apoiada pela informática" (*apud* LINDEMANN 2006, p.1). Este trabalho



se propõe a analisar o papel do jornalismo participativo praticado no jornal Tribuna do Norte, fundado em 1950 por Aluizio Alves, em Natal. O diário é um dos principais periódicos do Estado do Rio Grande do Norte e passou a utilizar as ferramentas da internet em 1996, acompanhando as três fases do jornalismo *online*. Hoje, o jornal mantém uma linha direta com o seu leitor, que participa produzindo informações no canal “Vc Notícia”. Este canal possibilita a prática do jornalismo participativo, com a publicação de textos, fotos, áudio e vídeos produzidos pela audiência.

Mas, com a abertura proporcionada pela Tribuna do Norte a seus leitores, levanta-se a questão quanto à atuação desses na produção da notícia. Eles atuam como jornalistas ou como colaboradores? Primo (2005) chega a questionar: "E o que dizer da máxima do jornalista coreano Oh Yeon Ho, que ao fundar o *OhmyNews* decreta que "todo cidadão é um repórter"? (p.2). Este tema fomenta o debate sobre o papel do jornalismo e do jornalista e até a sua própria identidade, diante das novas tecnologias.

Dos recursos tecnológicos à Web 2.0

Os recursos tecnológicos sempre foram um aliado forte na transmissão da informação. MEDINA *apud* FONSECA e LINDEMANN (1978, p.2) cita que "vencida as principais limitações humanas, tempo/espço", a tecnologia possibilitou que a informação chegasse a um número maior de receptores. O autor se remete à necessidade que o ser humano tem de se informar e das utilizações primitivas de difusão da informação, como as relações face-a-face, a comunicação interpessoal, quando não existiam os recursos da mídia em transmiti-la.

Os meios tecnológicos de informação surgiram com a invenção do alfabeto, da escrita e da imprensa. FONSECA e LINDEMANN (2007, p.2) mostram que a Revolução Industrial tornou mais eficiente a distribuição da informação. Isso não significa que o jornalismo tenha o seu berço na Revolução Industrial. Marques de Melo já fazia uma associação das relações, avisos e gazetas, com o intuito de atender às necessidades sociais de informação dos habitantes das cidades, súditos e governantes nos séculos XV e XVI (MELO *apud* FONSECA E LINDEMANN, 2007).

Mas, somente na segunda metade do século XIX é que as tecnologias possibilitaram que o jornal se transformasse num meio viável do ponto de vista econômico, o que fomenta o surgimento de empresas que passam a explorar a publicidade como forma de sobrevivência dos periódicos. Este seria um item apresentado por Marcondes Filho (2000) ao traçar as etapas de desenvolvimento do



jornalismo. Outro item citado por Marcondes detalha o jornalismo praticado no século XX:

Dos anos 70 até a contemporaneidade, quando se somam dois processos: a) expansão da indústria da consciência de estratégias de comunicação e persuasão no noticiário; b) substituição do agente humano jornalista pelos sistemas de comunicação eletrônica, que possibilitam novas formas de produção da informação. Caracteriza-se pelas tecnologias digitais e suas possibilidades de interação, multimídia, variedade de noticiários e velocidade. Paralelamente, ocorrem crises de credibilidade, de circulação e de profissionalismo. (FONSECA E LINDEMANN, 2007, p.4).

Percebe-se que a partir dessa última geração do jornalismo, surge um novo modelo de difusão de informação. O modelo de emissor e receptor⁵ começa a ganhar outra forma, a partir dos meios eletrônicos proporcionados pelo computador. No final do século XX, propriamente nos anos 90, a internet passa a ser um instrumento importante para o trânsito de informações sob uma ótica como, mencionado por LINDEMANN (2007, p4), dá vazão não apenas à interatividade, mas à instantaneidade e à multimídia. Diante destes modelos, a relação emissor-receptor passivo passou para uma relação horizontal "todos-todos, de domínio público e caráter colaborativo". Já FOSCHINI e TADDEI (2006), em "Jornalismo Cidadão - Você Faz a Notícia", atribuem aos meios eletrônicos a transformação do jornalismo no que foi chamado de "conversa de um para um, um para muitos, muitos para muitos" (p.9).

Essa transformação proporcionou liberdade para o receptor quanto ao trato com a informação a partir dos meios tecnológicos, em que "não se pode controlar o conteúdo que proporcionam agregações sociais e que multiplicam o pólo de emissão não-centralizada" (POOL *apud* LINDEMANN, 2007, p. 07). Assim, pode-se dizer que o desempenho destes receptores em difundir a informação seria a prática do jornalismo? Utilizando dos novos meios tecnológicos, OLIVEIRA, FIALHO e SCHMITT (2008, p.1) afirmam que "todo consumidor é jornalista, ou pode ser, se entendermos jornalismo como um direito humano e não simplesmente como uma prática profissional".

Com o consumidor alterando sua própria postura no processo de comunicação, proporcionado pelos meios eletrônicos, os jornais precisaram reagir unindo-se a ele para oferecer o modelo de colaboração na produção do noticiário. A reação está ligada, segundo OLIVEIRA, FIALHO e SCHMITT *apud* ANDERSON, (2006, p. 3), a um

⁵ O modelo transmissionista (emissor, mensagem, canal, receptor), citado por PRIMO E TRÄSEL a partir de George Landow (1997), que tratou do esquema em *Hypertext 2.0: The convergence of contemporary theory and technology*. Baltimore: The John Hopkins University Press.



cenário de superabundância de informações em que está o "conteúdo amador e profissional competindo em igualdade de condições pela atenção" dos usuários. Essa modalidade em que a barreira entre o produtor e receptor da informação é derrubada faz parte do contexto da *Web 2.0*⁶. Como a denominação deixa claro, parte da segunda fase de desenvolvimento da internet.

Web 1.0 e Web 2.0

Na *Web 1.0*, havia uma limitação no acesso, quando, por exemplo, as páginas exigiam um cadastramento prévio para poderem ser acessadas, segundo BRIGGS (2007). A primeira etapa foi caracterizada pelo *boom* das empresas "ponto.com"⁷, que começaram a explorar um novo negócio além das estruturas de concreto. Muitas delas não foram bem sucedidas e ainda em 2000, 225 empresas do gênero haviam fechado e outras 537 encerraram suas atividades em 2001, segundo o jornal O Estado de S. Paulo ainda sob o reflexo do "estouro da bolha"⁸. No entanto, o procedimento de parte destas empresas como "as *newsletters* via correio eletrônico e a customização do atendimento *online*, desenvolvida pela livraria virtual Amazon" (BRIGGS, 2007, p.29) foi contribuinte para que o usuário pudesse dispor de maior liberdade e capacidade para decidir sobre o conteúdo que deseja consumir.

MUSSER, O'REILLY e TEAM *apud* OLIVEIRA, FIALHO e SCHMITT (2008, p.4) mostram que a *Web 2.0* é "um conjunto de tendências econômicas sociais e tecnológicas que coletivamente formam a base para a próxima geração de internet". Acrescenta:

No entanto, seu conceito se diferencia do conceito de Musser, O'Reilly e O'Reilly Radar Team (2006) quando este diz que tais desenvolvimentos levaram ao aparecimento de novos termos, como mídia social, conteúdo gerado pelo usuário, cauda longa, rede como plataforma, folksonomia, sindicalização e colaboração em massa. (OLIVEIRA, FIALHO e SCHMITT 2008, p.4).

⁶ Para OLIVEIRA, FIALHO e SCHMITT (2008), o termo *Web 2.0* surgiu para diferenciar a primeira da segunda fase da *Web*. Atualmente, "*Web 2.0* é o termo mais difundido dentro da indústria de tecnologia como sinônimo de *sites* colaborativos" (SPYER, 2007, 3).

⁷ Na definição do *Wikipedia*, trata-se de "empresas de comercialização eletrônica que exploram serviços ou produtos na Internet".

⁸ Termo usado por OLIVEIRA E FIALHO (2008, p.3) para marcar a transição para a formatação da *Web 2.0*.



Em qualquer uma das definições apresentadas pelos autores, percebe-se que o usuário é o centro da *Web 2.0*. Briggs trata da *Web 2.0* como uma abertura para que o usuário utilize o meio virtual da forma como lhe aprouver. O conceito de receptor passa a se confundir com o conceito de produtor de conteúdo na rede. Projetos como o *Napster* (primeiro programa de compartilhamento de músicas), publicação de *blogs* em 1999, e a enciclopédia online Wikipedia lançada no início de 2001, segundo ROMANÍ e KUKLINSKI *apud* OLIVEIRA; FIALHO e SCHMITT (2008, p.4), fundamentam a afirmação de O'Reilly⁹ de que a *Web 2.0* não se tratava de uma denominação meramente mercadológica.

O jornalismo na internet

O jornalismo foi uma das atividades mais afetadas com a *Web 2.0*, sobretudo com a participação mais efetiva dos consumidores, que passaram a produzir conteúdos. Mas, é preciso recapitular um pouco sobre o processo de desenvolvimento do jornalismo na rede de computadores, que levou o jornalismo a ser batizado com o termo de *webjornalismo*¹⁰. O desenrolar do *webjornalismo* se constitui em três fases segundo MIELNICZUK (2003). A primeira dela teve com influência as empresas “ponto.com”, o que levou a formação de *sites* de empresas jornalísticas que basicamente reproduziam o conteúdo de suas versões impressas. Mielniczuk cita que, apesar de receberem o nome de jornais *online*, na verdade se limitavam a transpor o que o jornal de papel publicava a cada 24 horas. Seguindo os mesmos moldes, a atualização do *site* também era feita a cada 24 horas.

A segunda fase passa por um rápido aperfeiçoamento do uso das ferramentas digitais. O jornal na internet se mantém como uma reprodução da versão impressa, mas começa a oferecer instrumentos próprios do universo *online*. São usados os *links* para apresentar chamadas para as notícias; o *email* é divulgado como um meio de comunicação rápido entre o leitor e o jornalista e "a elaboração das notícias passa a explorar os recursos oferecidos pelo hipertexto" (MIELNICZUK, 2003, p.2).

O *webjornalismo* se forma mesmo na terceira fase do desenvolvimento do jornalismo na rede. As empresas jornalísticas exploram conteúdos especiais para seus *sites* e toda a potencialidade dos recursos digitais. Deixa de ser, portanto, um modelo à

⁹ Em 2005, Tim O'Reilly publica o artigo What Is *Web 2.0* - Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software.

¹⁰ Para Mielniczuk (2003), *webjornalismo* são as "publicações jornalísticas veiculadas na *World Wide Web* (www)".



sombra do jornal físico - de papel. Mielniczuk destaca a possibilidade do jornalismo instantâneo, multimídia e constantemente atualizado numa interface própria:

Este terceiro, e atual, momento também corresponde a um estágio mais avançado de toda uma estrutura técnica relativa às redes telemáticas e aos microcomputadores pessoais, permitindo a transmissão mais rápida de sons e imagens. (2003, p.3)

A terceira fase do *webjornalismo* está inserida na *Web 2.0*, na qual, como citada, o usuário é o centro. Este comportamento do usuário provocou uma mudança na prática do jornalismo. Os leitores da geração *net*¹¹, para OLIVEIRA, FIALHO e SCHMITT (2008), não são passivos e reagem rapidamente a todas as informações postadas pelos veículos de comunicação, expressando suas opiniões em espaços determinados pelos próprios veículos ou "fazendo observações em listas de discussão, fóruns, *blogs* ou *wikis*" (2008, p. 6). Eles observam que "o ponto positivo é que agora se conta com opinião de pessoas reais com perspectivas reais" (2008, p.6).

Os pesquisadores citados acima, apontam ainda que o comportamento do usuário formatou as empresas de comunicação e não o contrário, a partir da cultura da colaboração. Sua identidade foi alterada da linha um-para-muitos, de cima para baixo para "mais aberto, interativo, multidimensional e participativo" (2008, p.7). Os autores mostram o quanto este usuário da *Web 2.0* tornou o jornalismo em algo dinâmico, onde a figura do usuário passou a fazer parte do cotidiano de produção jornalística, visto que suas ações e reações são manifestadas imediatamente pela mediação através do computador.

A interação no jornalismo

Em Teorias do Jornalismo, Nelson TRAQUINA (2004) mostra que o jornalismo é uma construção social, de caráter democrático, que está intrinsecamente ligada a um conglomerado de interações. Estas interações com diversos agentes sociais têm a finalidade de construir a notícia "como um recurso social" (p.28). Partindo do princípio, a interação, seja com as fontes de notícias, seja com demais agentes, sempre foi um fundamento prático na produção de conteúdo. No entanto, Traquina não estabelece esta interação a partir do receptor como produtor de conteúdo, mas o receptor como fonte de informação. E que cabe ao jornalista o caráter da emissão, mesmo consultando a

¹¹ Termo usado por OLIVEIRA e FIALHO (2008, p.6) para classificar a geração que cresceu utilizando a *Internet*.



sociedade. "Os jornalistas partilham, como membros da sociedade, com a sociedade. Como um todo. Como seus membros" (2004, p.29).

A construção social dentro do processo de comunicação mudou a partir da interação entre os agentes. Em 1962, SHANNON e WEAVER *apud* LINDEMANN (2007, p.3) atribuíram o conceito de emissor-receptor ou ação-reação, que reserva ao espectador apenas a "passividade" ao que foi chamado de fluxo linear. Ou seja, caberia ao jornalista a elaboração da informação, que seria repassada ao usuário, sem que ele pudesse interferir de qualquer maneira na notícia.

LINDEMANN (2007) mostra que os padrões de interação foram divididos em duas fases. A primeira baseava-se no fluxo linear de informação, em que se destacava a superioridade do emissor. Já o segundo, "valoriza a dinamicidade do processo, onde todos os participantes são atuantes na relação" (PRIMO *apud* LINDEMANN, 2007, p. 3). Quanto a isso, Lindemann acrescenta:

Primo (2000) estuda a interatividade conforme os níveis de interação, sugerindo uma abordagem sistêmico-relacional do conceito, considerando que o foco deve estar na relação entre os interagentes, não apenas nas qualidades interativas que cada um pode apresentar. Importa investigar o que se passa entre os sujeitos, entre o interagente humano e o computador, entre duas ou mais máquinas (PRIMO *apud* LINDEMANN, 2005, p.11).

Entende-se que o processo de interação não surgiu com a internet, mas até mesmo com o simples ato de ler um jornal impresso ou assistir a um telejornal, estas relações estão estabelecidas. PRIMO *apud* LINDEMANN (2006) adverte que nestes meios mostrava-se a existência de uma relação entre produtores e público, "um contraste fundamental entre essas instâncias, que repercute na capacidade de ver e ser visto" (p.9). O fato da interação já estar em outras formas de relações também alcançou a internet de duas formas, como exemplifica LINDEMANN (2006), de acordo com Primo. O processo de navegação nas páginas da internet já se constitui uma interação, embora limitada ao que foi estabelecido pelo proprietário do *site*. Ou seja, a interação existe embora a liberdade do usuário não seja possível de alterar o que está disposto na página da internet, devido a limites pré-estabelecidos. É o que PRIMO *apud* LINDEMANN (2006, p.9) classificou de "interação reativa".

Quando os recursos para o usuário, utilizados à sua maneira na rede, se tornaram irrestritos, numa interação em que este usuário pode agir diretamente no que é produzido, ganhou-se o nome de interação mútua: "na qual o desenvolvimento do



processo interativo é negociado entre os participantes" (PRIMO *apud* LINDEMANN, 2006, p.9). É com base na interação mútua que se fez valer o *webjornalismo*, onde este usuário passa a se integrar ao processo produtivo da informação. Primo diz que "alguns *sites* noticiosos, inclusive, podem depender totalmente da intervenção dos internautas" (p.10).

A participação direta do usuário na feitura da notícia em *sites* noticiosos, na essência da interação mútua, o faz sentir integrantes e parte da engrenagem que faz produzir a notícia. MIELNICZUK (2001) também expõe o outro lado da interação, como foi citado, em que o usuário não participa da produção, mas o simples fato de navegar na página, se traduz numa situação interativa. As duas facetas da interatividade no *webjornalismo* deram o nome de "multiinterativo, para designar o conjunto de processos que envolvem a situação do leitor de um jornal na *Web*" (p.3). O processo de interação do usuário se dá:

Diante de um computador conectado à Internet e acessando um produto jornalístico, o usuário estabelece relações: a) com a máquina; b) com a própria publicação, através do hipertexto; e c) com outras pessoas - seja autor ou outros leitores - através da máquina (LEAMOS, 1997; MIELNICZUK, 1998, *apud* MIELNICZUK, 2001, p.4).

Essas relações cada vez mais profundas do usuário na *Web 2.0* fortaleceram a prática da produção jornalística na internet, com o apoio do usuário, o *webjornalismo* participativo.

O *webjornalismo* participativo

Jornalismo colaborativo, comunitário, cidadão, *open source* (código aberto)¹², *peer-to-peer*¹³ são nomes que autores dão à prática do jornalismo na internet em que o usuário pode produzir e publicar a sua notícia (FONSECA e LINDEMANN, 2007, p 5). O *webjornalismo* participativo, como o nome diz, remete-se à ideia de que todos podem participar atuando como jornalistas na produção de informação. Este modelo altera a função transmissionista e faz do usuário um agente capaz de desenvolver conteúdo. FONSECA e LINDEMANN (2007) enfatizam que o *webjornalismo* participativo

¹² "O termo surge aplicado ao *software* que algumas pessoas criam e disponibilizam gratuitamente na rede para que qualquer usuário possa manipulá-lo, e vem sendo adaptado a outras áreas, como no caso do jornalismo" (LINDEMANN, 2007, p.5).

¹³ MOURA *apud* LINDEMANN (2002, p.4) para explicar que a expressão "jornalismo *peer-to-peer* sugere um jornalismo que envolve a partilha de recursos e serviços através da troca entre sistemas".



possibilita a “interatividade efetiva” em relação a outras mídias. Cita que a interatividade do jornal se limitava às cartas; o rádio às ligações telefônicas e a leitura digital à navegação através de *links*. No *webjornalismo* participativo, o usuário tem uma colaboração que interfere de forma direta no conteúdo exposto no site.

Alterada a função transmissionista, a pessoa do emissor é descentralizada, passando a existir a interação mútua proporcionada pelos meios tecnológicos (2007, p.5). Lindemann exemplifica o *webjornalismo* participativo ao destacar o perfil do *site* coreano Ohmynews (<http://www.ohmynews.com>), que foi criado com a finalidade de absorver opiniões e conteúdos dos mais diversos produtores de informação, a fim de oferecer uma publicação com linha editorial independente dos jornais governistas¹⁴.

Periódicos que mantêm seus *sites* abrem espaços para a produção dos leitores. O Globo (www.oglobo.com) criou o canal “Eu Repórter”, o portal Terra (www.terra.com.br) tem o “Vc Repórter” e no Rio Grande do Norte, na capital Natal, o jornal Tribuna do Norte (www.tribunadonorte.com.br) publica o “Vc Notícia”. Os três seguem um padrão: dar oportunidade para que os usuários publiquem suas notícias, o que por si só, classificaria-se a prática do *webjornalismo* participativo.

As denominações destes canais remetem a personificação do jornalista na figura do usuário produtor de informação. O conceito de cidadão-jornalista, segundo Cheila Sofia Tomás MARQUES (2008), surgiu a partir da crise de credibilidade do jornalismo americano. “Os poderes econômicos e políticos estavam a dominar cada vez mais os media, pelo que se tornou necessário combater esta realidade” (2008, p.17) A reação dos cidadãos, agindo com manifestações sociais mais acentuadas, levantou o chamado “*public journalism*”, que “pretendia impor uma nova agenda de opinião e se tornar o intérprete dos cidadãos quanto à hierarquia dos problemas e à escolha das soluções pela comunidade” (ABREU *apud* MARQUES, 2008, p.17). E define o cidadão-jornalista como:

(...) um indivíduo sem formação acadêmica na área de jornalismo com uma vontade enorme de participação na esfera social. Apresenta conteúdos informativos (de texto, imagem e som), onde exprime novas perspectivas e informação que, de outro modo, não teria visibilidade na esfera pública (2008, p.18).

¹⁴ Criado em fevereiro de 2000 pelo jornalista sul-coreano Oh Yeon Ho, num momento em que seu país sofria os reflexos da ditadura nos anos 80 (LINDEMANN, p.7).



Os veículos proporcionam a participação destes usuários na produção de informação. Mas, como se verá adiante nota-se que o conteúdo passa por um processo de filtragem de editores antes que seja publicado no *site*. Não se está falando daqueles cidadãos tidos como, de acordo com MARQUES, “publicadores, ou os que têm páginas pessoais como *blogs*, *flogs*, *vlogs*, ou que produzem *podcasts* com notícias, independentemente do assunto abordado” (2008, p.19). Mas, sim, de leitores de serviços noticiosos que participam da produção de seu conteúdo jornalístico.

Mesmo com o fato da descentralização da figura do emissor no *webjornalismo* participativo, a figura do editor continua a subsistir, a fim de publicar o que cabe ao interesse editorial do veículo. “Mesmo assim, há que se considerar que o potencial de interação em práticas como o Jornalismo Participativo na internet é evidentemente maior que nas mídias impressas, radiofônicas e televisivas” (LINDEMANN, 2007, p.7).

A prática “Vc Notícia” da Tribuna do Norte

Com uma média de duas postagens por dia, desde fevereiro de 2009 o jornal Tribuna do Norte deu um importante passo rumo à interatividade ao criar o espaço “Vc Notícia”. Em entrevista com a editora do canal, Armanda Lima, confirmamos a hipótese de que a participação do leitor, por mais que tecnicamente não deixe a desejar quanto às exigências para um texto jornalístico, não se configura como jornalismo, mas sim, como forma de cidadania. Com amostra de cinco notícias publicadas no espaço “Vc Notícia”, recolhidas aleatoriamente, pode se observar que fatores como a presença física no momento exato em que um fato tenha ocorrido; a percepção de fatos corriqueiros do cotidiano que possa gerar material jornalístico e a colaboração com teor denunciativo - muitas vezes de problemas sociais - são os principais conteúdos dessas postagens.

Tomando como primeiro exemplo o material postado pelo colaborador Peceval Carvalho, no dia 13/06, seu texto se detém em questionar os enfeites e o contentamento de muitas cidades do Rio Grande do Norte em relação Copa do Mundo de 2014, que será sediada no Brasil, enquanto a cidade de São José do Mipibu vem sofrendo com o abandono.

No material de Carvalho, os valores de noticiabilidade por ele utilizados dizem respeito à proximidade do assunto e a denúncia. É que observamos no trecho:

Enquanto isso a prefeitura alugou um veículo Vectra novíssimo para transporte da senhora prefeita e seus [asseclas], que constantemente é

flagrado em dias de feriado e horários fora do expediente servindo para deleite da prefeita Norma Ferreira. No sábado, dia 13/06/2009, o veículo foi visto sendo conduzido pela própria prefeita, que o estacionou no contra-fluxo de uma das ruas da cidade e em seguida estava brincando com amigas na praça central, com o veículo e combustível pago pela a gente sofrida de São José de Mipibu. (Tribuna do Norte, postado em 13 de junho)

A partir do fragmento, observamos que a colaboração de Maia deixa claro uma proximidade sua muito grande com o fato por ele presenciado, o que se comprova com a alusão de data; o fato de ter testemunhado um episódio. Por fim, ele ainda concluiu sua participação com um juízo de valor ao afirmar que, para fins pessoais, a prefeita está usando "combustível pagos pela a gente sofrida de São José de Mipibu".

Já na colaboração de Silvia Maia, postada no dia 11 de junho, observa-se o mesmo caráter denunciativo na sua colaboração. No caso de Maia, o critério da proximidade também foi mantido, e com uma limitação ainda mais restrita, uma vez que a colaboradora é uma agente da notícia.

O texto de Maia é tecido a partir do relato, em primeira pessoa, de uma tentativa de golpe por telefone. (...) Ele pediu para que eu confirmasse os dados que havia cedido e pediu meu número de telefone e meu nome completo. Questionei se a empresa já não teria meus dados e falei de minha desconfiança quanto à promoção (...), diz um trecho da postagem. É notório que Maia constrói sua redação como se estivesse livremente cotando uma história: primeiro descreve um episódio e depois demonstra sua insatisfação quanto ao episódio supracitado.

Antes de essas postagens irem para o site, elas passam por uma triagem e avaliação. Segundo a editora do portal, Armanda Lima, o objetivo da edição é limpar o conteúdo de algum possível erro de português e verificar se o texto obedece algumas exigências mínimas como: não possuir teor antiético; se as duas ou mais partes, por ventura, mencionados no texto foram ouvidos, quando necessário; e se há algum tipo de informação que não deve ser postada, por questões editoriais.

Em sua avaliação, Armanda Lima reconhece a participação do leitor apenas como exercício de cidadania: quando o cidadão tem a oportunidade de ser testemunha ocular de um fato e colabora com a construção da informação das empresas. A afirmativa da profissional se completa quando nos atentamos para o fato de todo o material enviado pelos internautas são previamente analisados por um profissional do jornalismo, ou seja, um intermediário; pelo fato de haver uma área reservada apenas a postagens de leitores;



na semana em que analisamos o *site*, de 14 a 20 de junho, nenhuma das 10 colaborações publicadas no “Vc notícia” ganhou a importância de uma chamada na página principal do *site* da Tribuna, mesmo que com um destaque menor; e, para um último argumento, a Armanda Lima, na entrevista, confessa que já aconteceu de colaborações enviadas por internautas se desmembrarem em matéria produzida por um profissional da empresa.

A sociedade da informação cria "as condições que faltavam para o pleno exercício das liberdades de expressão e de informação" (GONÇALVES, 2005. p.3 *apud* MARQUES, 2008, p.14). Partindo da referida citação, é notório que os cidadãos que contribuem com os *sites* de notícias colaboram diretamente para a construção diária da avalanche informacional proporcionada pela *internet*. A participação do internauta, por hora um cidadão-jornalista, de certa forma o aproxima de outros usuários, que por sua vez também poderão postar notícias. A informação que alimenta essas seções dá ao mundo testemunhos verídicos e emotivos de situações que fazem diariamente a história das pessoas e da sua comunidade.

Cheila MARQUES reforça que

"há, agora, uma cidadania potenciada pelas novas tecnologias, nomeadamente pela *Web 2.0*. A *Web 2.0* é uma rede social digital onde existe uma forte colaboração para o conhecimento. Os cidadãos partilham ideias e trocam conhecimento, contribuindo para um desenvolvimento social" (2008, p16).

Considerações finais

Embora reconheçamos neste artigo a importância que a *Web 2.0* proporcionou ao receptor ao lhe permitir uma maior mobilidade e participação na composição do material informativo dos sites jornalísticos, enfatizamos todas as ponderações dessa análise para ratificarmos os cuidados que se deve ter em não confundir a participação, enquanto uma forma de cidadania ao produzir informação, com o exercício da atividade jornalística. Haja vista que o exercício diário do jornalismo vai muito além do testemunho ocular de um fato. As noções deontológicas e éticas da profissão só serão adquiridas por quem se habilitou para tal fim (MARQUES, 2008, p.5).

Cheila Marques endossa essa conclusão ao esclarecer que o cidadão-jornalista, na verdade, não está praticando jornalismo, visto que, como os jornalistas, “não respondem a inúmeras responsabilidades éticas e legais e que escreve segundo técnicas de redação específicas” (2008, p.5). Estes cidadãos estão praticando cidadania e não jornalismo, visto que para exercer a prática jornalística, precisaria estar cientes de regras como:



(...) entrevistar, ouvir os dois lados de um assunto, confirmar sempre a informação, ter cuidado com o que escreve e com as acusações que faz, comparar os dados oficiais com os dados de outras fontes, lutar pela credibilização do que escreve. Tem também de respeitar o direito à imagem, o direito de reprodução e os direitos autorais. (FOSCHINI e TADDEI *apud* MARQUES, 2008, p. 20).

Por fim, o debate a cerca da existência do cidadão-jornalista não se esgota nesse trabalho, logo, é salutar o amadurecimento da discussão. Principalmente por que as inovações tecnológicas têm sido responsáveis pela constante perda do monopólio na produção de informação por parte dos grandes conglomerados empresariais para dar mais espaço a produção de conteúdo a partir da democratização do acesso.

REFERÊNCIAS

BRIGGS, Marks **Jornalismo 2.0**: como sobreviver e prosperar. Tradução: Carlos Castilho. Texas: Knight Center for Journalism in the Americas, 2007. Disponível em: <<http://knightcenter.utexas.edu/journalism20.php>>. Acesso em: 23 jun. 2009.

CARVALHO, Perceval. **Abandono**. **Tribuna do Norte Online**, Natal (RN), 15/06/2009.. Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/vcnoticia.html>. Acesso em: 16/06/2009.

CARVALHO, Perceval. **Estudantes em perigo**. **Tribuna do Norte Online**, Natal (RN), 15/06/2009.. Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/vcnoticia.html>. Acesso em: 16/06/2009.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira; SCHMITT, Valdenise; OLIVEIRA, Leonardo Gomes. **Jornalismo 2.0**: a cultura da colaboração no jornalismo. E-Compós (Brasília), v. 11, p. 1-13, 2008.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira; LINDEMANN, Cristiane; **Jornalismo Participativo na Internet**: repensando algumas questões técnicas e teóricas. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Estudos de Jornalismo”, XVI Encontro da Compós, UTP, Curitiba, PR, 2007

FOSCHINI, Ana Carmen & TADDEI, Roberto Romano. **Jornalismo Cidadão. Você faz a notícia**. Coleção Conquiste a Rede. Overmundo. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/banco/conquiste-a-rede-jornalismo-cidadao-voce-faz-a-noticia>. Acesso em: 25 de junho de 2009.

LINDEMANN, Cristiane. **A potencialização da interação no webjornalismo participativo**: um modelo comunicacional democrático? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXX, 2007, Santos. Anais. São Paulo: Intercom, 2007 (organizado por Sueli Mara S. P. Ferreira)



MARQUES, Cheila Sofia Tomás. **O Cidadão Jornalista: Realidade ou Ficção?** 2008. 46f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura de Comunicação Social) – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2008.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web.** Disponível em: (www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf). Acesso em 26/06/2009.

Morte de empresas pontocom dobra em 2001. **Estadão.com.br**, São Paulo, 28 dez. 2001. Acesso em: 23 jun. 2009.

PRIMO, Alex ; TRÄSEL, Marcelo Ruschel . **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias.** Contracampo (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** porque as notícias são como são. Volume I. Florianópolis: Insular/Posjor-UFSC, 2004.

PAES, Marcus Antonio Gomes. Tribuna do Norte Online, Natal (RN), 15/06/2009.. Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/vcnoticia.html>. Acesso em: 16/06/2009.